
Relato de experiência

**Toalhinhas,
Dentro e Fora,
Labirintos**
Processo de construção
de livro-objeto

Trabalho de Conclusão de Curso

Pós-Graduação Lato Sensu
**O Livro para a Infância:
textos, imagens, materialidades**

A Casa Tombada / FACON

Orientadora
Profa. Ms. Camila Feltre
Autora
Gabriela Esteves Ribeiro

São Paulo, junho de 2018

(Versão revisada após banca: agosto de 2018)

à minha Vó Isabel

pelos retalhos, fitilhos, caixinhas, toalhinhas,
botões e pão feito em casa.

à minha Vó Wanda

pelos bolinhos de chuva, torta de maçã
e grampos.

ao meu Vô Sebastião

pelas histórias de Cáceres e Aquidauana, passeios
clandestinos na rodoviária e bolinhas pula-pula.

ao meu Vô Luiz

pelos apitos de madeira e aulas de pandeiro.

à todos os Ribeiro, Sanches, Esteves

à Camila e Fer

pelo percurso de ansiedade, construção e amizade
compartilhado.

à Casa Tombada, Cristiane Rogério e todos e todas da

Pós-Graduação O Livro para a Infância

pela acolhida e existência.

Resumo

Este relato de experiência narra a pesquisa e produção de uma série de 9 livros-objeto, dividida em 3 grupos de 3 livros: Toalhinhas, Dentro e Fora e Labirintos. Os livros foram criados a partir de uma pesquisa da dobra do papel como principal elemento gerador de ideias e procedimentos de criação. Podem ser entendidos como livros-objeto, quando utilizam a materialidade do objeto como parte importante para a narrativa e leitura do livro, e também como livros-brinquedo, entendendo que podem ter leituras múltiplas, além de possibilitar brincadeiras com o formato e manuseio do papel. Aborda também questões referentes ao processo de criação, como a relação entre o limite e liberdade e o erro na criação artística.

Palavras-chave: livro-objeto, livro-brinquedo, livro para a infância, dobra, recorte, desenho, processo de criação.

Abstract

This experience report narrates the research and production of a series of 9 book-objects, divided into 3 groups of 3 books: Toalhinhas, Dentro e Fora e Labirintos. The books were created using the act of folding the paper as the main generator of ideas and creation procedures. These books can be understood as book-objects, when the materiality of the object is an important part for the narrative and reading of the book, and also as toy-books, understanding that it can lead to multiple reading meanings, in addition to allowing play with the format and handling of the paper. Also, it reflects on creation process questions, as the relation between limit and freedom and the error in artistic creation.

Key-words: book-object, toy-book, children book, fold, cutout, drawing, creation process.

índice

9	1. Introdução
13	2. Estudos: experiências com papel, dobra, recorte, desenho e mancha
13	2.1 Primeiros estudos
25	2.2 Lápis de cor
28	2.3 Toalhinhas
30	2.4 Mimeógrafo
31	2.5 Dobra e espaço interno do livro
32	2.6 Planejamento para os livros finais
39	3. Livrinhos: a dobra como guia para o projeto Toalhinhas, Dentro e Fora, Labirintos
40	3.1 Toalhinhas
40	3.2 Dentro e Fora
41	3.3 Labirintos
49	4. Considerações finais
53	5. Bibliografia

1.

Introdução

“O menino pergunta ao eco
onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: ‘Onde? Onde?’

O menino também lhe pede:
‘Eco, vem passear comigo!’

Mas não sabe se o eco é amigo
ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer:
‘Migo!’”

Cecília Meireles
Ou Isto ou Aquilo

Todas as vezes que eu tive que pensar sobre a minha trajetória acadêmica e profissional, eu comecei a linha do tempo pela faculdade. Sempre me pareceu o mais natural. Fiz faculdade de Design entre os anos de 2006 e 2012 e nesta época me interessei por ilustração e livros ilustrados.

No meio da faculdade percebi que meu interesse era muito maior em ilustrar do que em projetar. As partes de que eu mais gostava nos projetos eram as que envolviam desenho, padrões gráficos, experimentação com linguagens visuais e o meu caderno nas aulas era uma mistura de desenhos e rabiscos com anotações das matérias.

Nessa época eu não pensava o que penso hoje sobre ilustração, narrativa, livros ilustrados, livros-imagem, relação entre palavra e texto, livros-objeto, entre outros. Eu não conhecia a maior parte dessas definições, mas já sentia um impulso grande em experimentar o meu

desenho, em entender o que eu poderia dizer com ele. Revisitando esses cadernos que hoje me dão alguma vergonha, eu consigo ver as minhas tentativas em comunicar palavras – sozinhas, sem texto – e devaneios de aula por meio do desenho.

Escolhi para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da faculdade criar um livro ilustrado, uma versão do livro *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles. Foi nesse momento que estudei pela primeira vez conceitos mais próximos ao livro e literatura infantil. Foi nesse momento também que escolhi por mim mesma o meu objeto de estudo: um livro que fez parte da minha infância, escolhido por motivos afetivos, mesmo que, na época, eu tenha levantado muitas justificativas oficiais e plausíveis para falar sobre ele.

Após um período atravessado por mudanças de caminhos e intenções, caí na Pós-graduação d'A Casa Tombada sobre o livro para a infância. Com estes dois anos de estudos e imersão coletiva, encontro algo novo (ou reencontro, redescubro) que me chama neste universo dos livros: a infância. Parece um pouco absurdo, mas antes eu pensava o livro quase que totalmente pela ótica do desenho, da ilustração como linguagem artística. Não pensava na relação do objeto com a infância, com a criança que pode ser o leitor, com as memórias de infância de quem criou os livros e se isso influencia na criação das obras ou não.

Foi na disciplina O Objeto Livro, da professora Camila Feltre, que percebi como minhas lembranças de infância, das férias passadas em Andradina na casa dos meus avós em meio a retalhos, botões, fitinhas, todo um mundo em miniatura, influenciam o meu trabalho. Ao escrever uma carta a minha Vó Isabel, como parte do projeto de conclusão da matéria, me reencontrei com essa parte minha que não estava esquecida, mas escondida no meio das coisas que consideramos mais importantes do que memórias de infância.

A minha Vó me ensinou a brincadeira das toalhinhas, o ponto inicial para este projeto de conclusão de curso. Para fazer uma toalhinha [imagem 1] você deve dobrar uma folha ao meio e depois ao meio

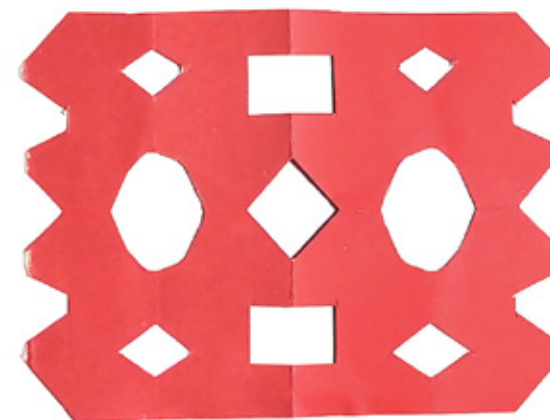
novamente. Quantas vezes você conseguir e quiser. A partir disso a gente recorta formas no papel dobrado e o resultado da toalhinha aparece quando desdobramos tudo.

Recentemente a autora e ilustradora brasileira Lúcia Hiratsuka deu uma entrevista ao jornal Estadão sobre o seu novo livro, **Chão de Peixes**. No final da matéria ela diz:

“A infância foi para mim um período de muitas brincadeiras e experiências incríveis, mas também de muita inquietação. Desde essa época, eu fazia perguntas a respeito do sentido da vida, qual seria o meu papel no mundo, quais eram os meus sonhos, por que nasci naquele lugar. E as angústias dos adultos também me afetavam”, responde. E completa: ‘Hoje percebo que todas as questões da minha infância são as minhas verdadeiras questões. E ela é, para mim, como um mapa. Se eu me perco, busco encontrar o caminho lembrando dos sonhos, dos anseios que povoaram aqueles tempos.’” (Hiratsuka, 2018)

Essa ideia da nossa infância como um mapa ressoa profundamente em mim desde que iniciei os estudos n'A Casa. Percebo como as escolhas como designer e ilustradora resgatam fragmentos da minha infância, como esta trajetória, que parece começar na faculdade, na verdade tem raízes mais profundas, nos universos que vivi na casa dos meus pais e avós.

[imagem 1]



2. Estudos: experiências com papel, dobra, recorte, desenho e mancha

2.1 Primeiros estudos

[outubro e novembro 2017]

O primeiro estudo que eu fiz com a ideia de um livro como objeto final foi o livro rosa **[imagens 2]**, com bolinhas na capa. Nesse momento minha única preocupação era experimentar o nanquim sobre o papel rosa. Não pensei em uma narrativa para seguir, fiz a dobra que transforma uma folha padrão em um livro de 6 páginas e fui desenhando página por página, tentando criar relações para cada dupla, pensando em oposição ou continuidade dos desenhos. Em alguns momentos só desenhei o que veio na cabeça naquela hora, sem pensar nas relações entre cada página, sem nenhuma intenção inicial de proximidade semântica ou visual entre os desenhos.

Se a capa são várias bolinhas, a contracapa pode ser uma bolinha só. A primeira página começa com linhas horizontais que viram uma espécie de escada na página seguinte, sendo que essa parte preta da escada só aconteceu por um erro no desenho das linhas. A segunda dupla tem um quadriculado em uma página e linhas horizontais na outra, criados por um interesse em experimentar como o nanquim, manuseado com pincel de ponta grossa e água, agiria neste tipo de desenho. Como um meio que não pode ser controlado totalmente cria características singulares em um desenho que, a princípio, deveria ser cartesiano, dependente de estabilidade. A terceira dupla começa com uma página inteira preta, também decorrente de erros no desenho, visíveis na sobreposição do nanquim, e é seguida por

uma página com um desenho de cubos empilhados.

Eu não tinha um plano muito claro do que eu desejava com esse livrinho, mas percebi algumas inquietações enquanto trabalhava nele, como a vontade de continuar experimentando com nanquim, com a possibilidade de sobreposição de camadas e com o traço menos preciso, feito com pincel maior e tinta mais aguada.

A sobreposição pode acontecer intencionalmente, quando faço o desenho pensando nisso, como no caso das bolinhas da capa e contracapa; ou de maneira involuntária, quando quero cobrir uma parte que considero errada do desenho. Não consigo apagar essa parte por completo, ela sempre vai ficar marcada na mancha preta. Um vestígio do processo do desenho, como um histórico do que foi feito.

Na mesma época do livrinho em papel rosa, fiz mais alguns estudos em papel quadriculado e de outras cores. O estudo em papel quadriculado [imagens 3], que tem na capa uma espécie de planta ou labirinto, segue as mesmas regras do livro rosa. Fui criando as páginas duplas pensando em possíveis relações entre os desenhos ou padrões, neste caso cada dupla tem o mesmo elemento de desenho em diferentes tamanhos ou quantidades.

Em conjunto com estes dois primeiros experimentos, fiz alguns desenhos à parte do TCC, não estava pensando em livros ou imagens sequenciais. Resolvi dobrar estes desenhos com a mesma dobra que usei nos dois primeiros estudos, também para entender como fazer ela da melhor maneira possível. Gostei muito de como os desenhos se transformaram num livro, com uma sequência de páginas imprevisível, às vezes com o desenho de ponta-cabeça.

Estes desenhos viraram os estudos de livrinhos com desenhos de cidades, um no papel roxo [imagens 4], e outro no papel manteiga [imagens 5], ambos feitos com canetinha preta. As relações entre as páginas, no momento anterior compostas intencionalmente, agora acontecem pelo acaso criado pela dobra. E o papel manteiga, usado

anteriormente para facilitar a transferência de um rascunho para um desenho final, acrescenta transparência ao objeto livro, uma característica importante para a relação entre as páginas, entre as partes e o todo do livro.

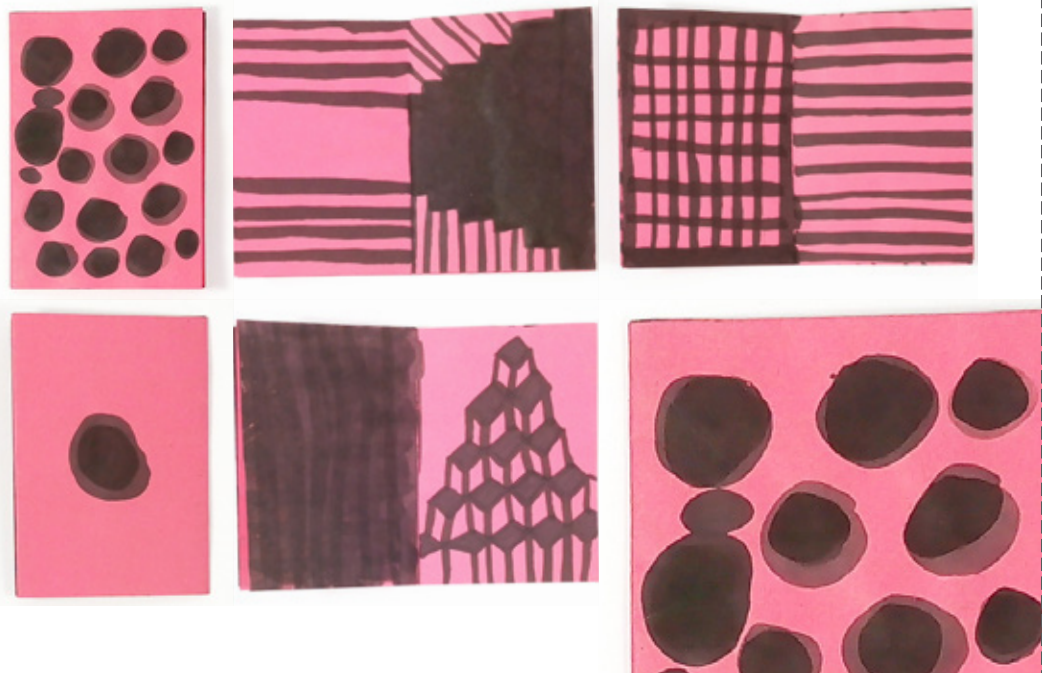
Com essa experiência da dobra como ação criadora da composição de cada página, fiz mais alguns estudos, começando pelo desenho inteiro na folha. Estes resultaram em alguns livrinhos: com nanquim sobre a folha amarela [imagens 6], nanquim e aquarela vermelha sobre a folha quadriculada [imagens 7] e em mais dois somente com nanquim sobre folha quadriculada, um deles seguindo as linhas do papel quadriculado e criando contornos e áreas preenchidas [imagens 8], o outro a partir de um desenho de observação da vista da minha mesa de estudo [imagens 9]. Neste momento eu desenhei sem um tema definido, simplesmente pensando em ocupar a folha. Mantive a opção pelo nanquim e pincel, para continuar experimentando a imprecisão do traço e a sobreposição de camadas.

(Só uma ressalva, existem modos de pintar com nanquim e aquarela de maneira exata. No meu caso eles se comportam de maneira instável, tanto por não possuir conhecimento técnico avançado sobre pintura, quanto pela escolha de como trabalhar com eles.)

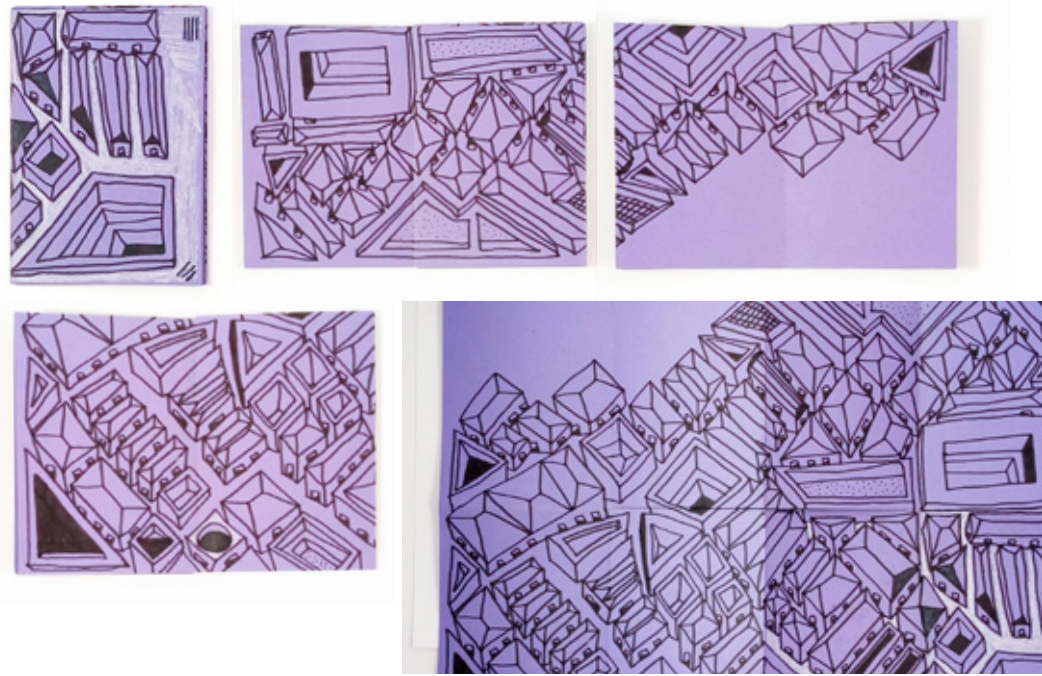
Cecilia Almeida Salles, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo, no livro **Gesto Inacabado**, fala sobre o processo de criação artística por meio do estudo da crítica genética, método que estuda obras de arte e literatura analisando registros materiais que o artista faz na idealização e criação de uma obra, como rascunhos, anotações, diários, instruções de montagem, entre outros. Documentos que orbitam a obra durante sua construção, mas que não são a obra em si. (Salles, 1998)

Ao estudar o processo artístico de alguns artistas e obras, Salles aborda algumas características constantes na criação artística como um todo. Podemos encontrar semelhanças entre um projeto artístico e um projeto de ilustração, no sentido em que ambos podem comunicar

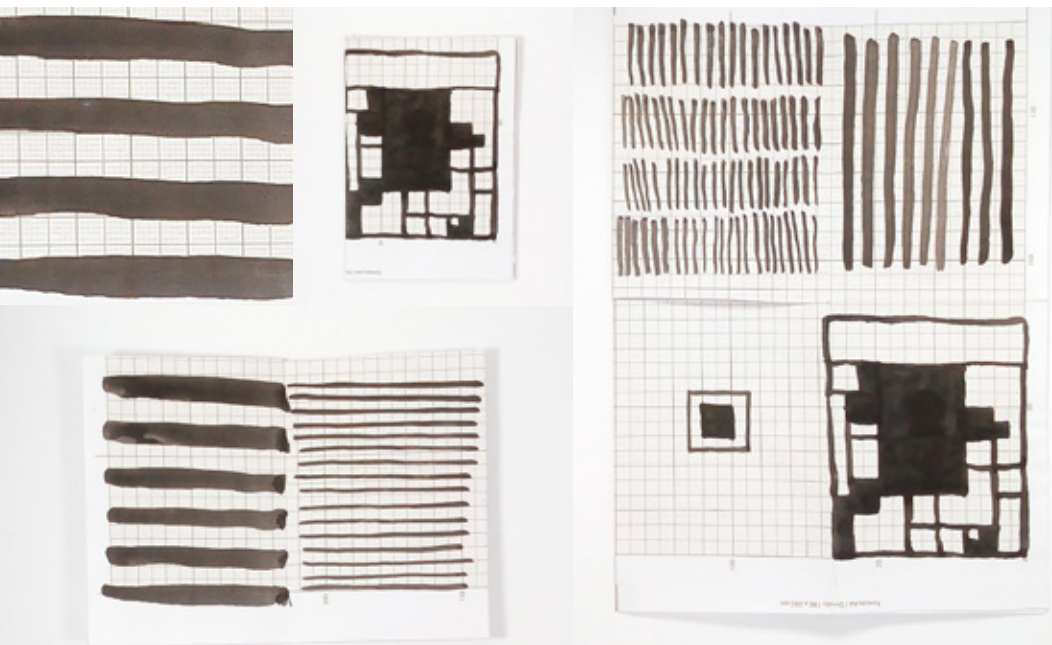
[imagens 2]



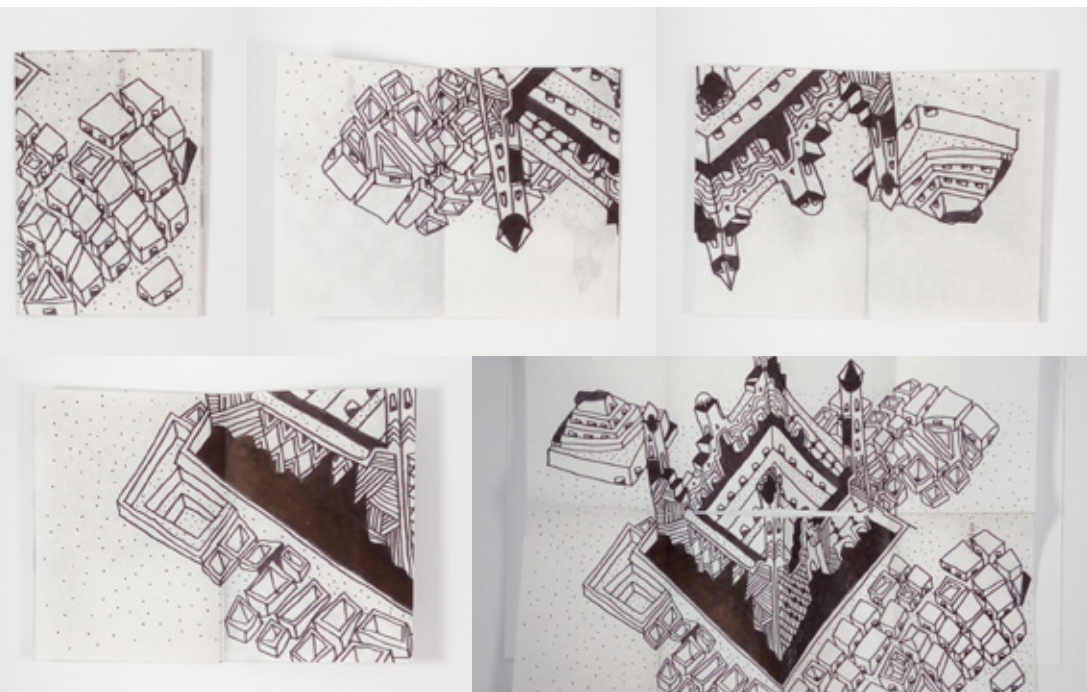
[imagens 4]



[imagens 3]



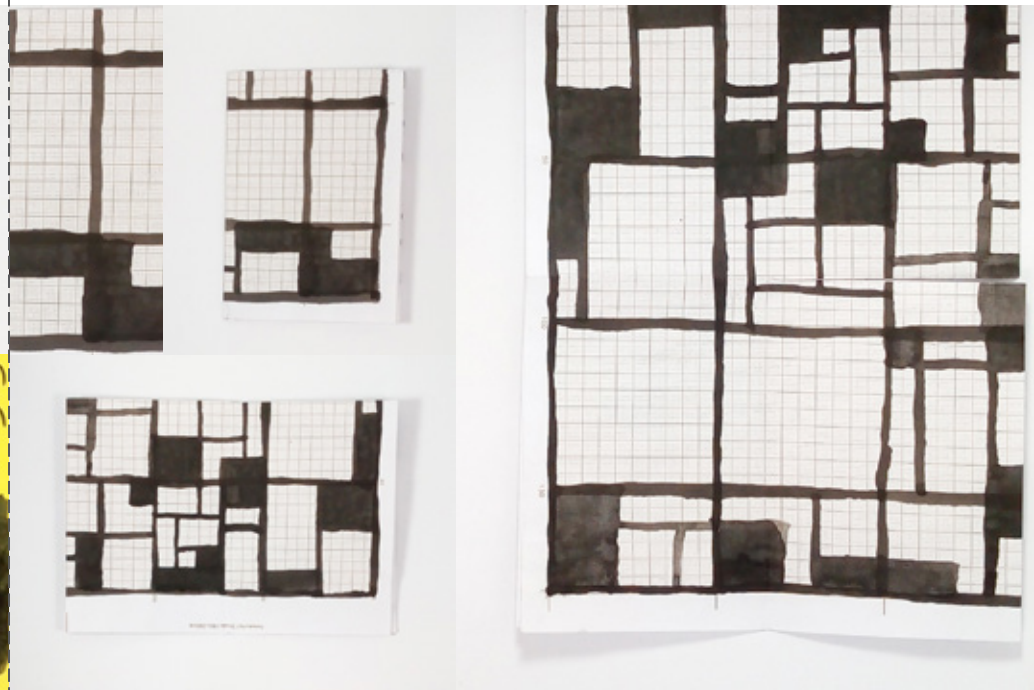
[imagens 5]



[imagens 6]



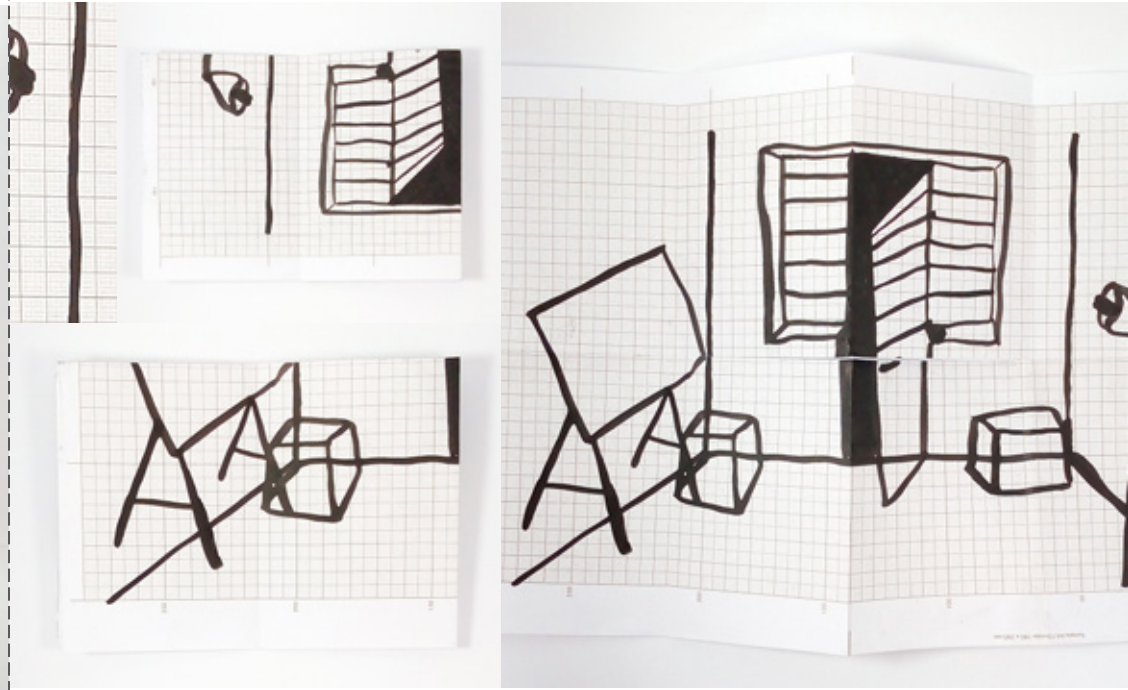
[imagens 8]



[imagens 7]



[imagens 9]



algo por meio de uma linguagem visual, pedindo comprometimento e entrega semelhantes do público (leitor) com a obra (livro). Uma entrega necessária para a leitura de um documento que não utilize a linguagem verbal e não se apoie em linguagem visual óbvia. É importante pontuar que falo da ilustração em livros ilustrados¹, nos quais a mesma ocupa um papel fundamental para a criação da narrativa, complementando o texto ou agindo como texto, como num livro-imagem.

Existem também semelhanças no modo de trabalho entre artistas visuais e ilustradores e autores de livros ilustrados², ambos podem trabalhar no sentido do amadurecimento de um projeto poético ou linguagem própria. E, mais relevante ainda para este relato, ambos passam por um percurso de tempo e maturação do trabalho para criar a obra ou livro.

Para além de uma aproximação entre o artista visual e o ilustrador em situações de projeto próprias de cada um, há ainda o livro como um objeto híbrido, que ocupa espaços de fronteira e sobreposição entre arte e design. Estes objetos questionam a ideia de livro, seguindo a lógica do design e funcionalidade, somente como um suporte para o conhecimento. Quando esta funcionalidade é questionada e artistas

¹ Sophie Van der Linden, no livro **Para Ler o Livro Ilustrado**, se propõe a criar uma classificação para os tipos de livros com imagens. Alguns deles são: **Livros com ilustração**, obras que apresentam maior parte em texto e ilustrações auxiliares, o texto é protagonista da narrativa; **Livros ilustrados**, obras em que a imagem é preponderante, texto e ilustração se complementam para criar a narrativa (livros-imagem entram aqui também, com a imagem contando a história sozinha, sem texto); **Livros pop-up**, nos quais o espaço da página dupla acomoda sistemas de esconderijo, abas, encaixes; **Livros-brinquedo**, objetos híbridos entre o livro e o brinquedo, como livros com elementos em três dimensões (pelúcia, figuras de plásticos, etc.); **Livros Interativos**, que podem ser suporte para atividades como pintura, construções, recortes, etc. (LINDEN, 2011, p.25)

² Sobre a diferença entre ilustrador e autor de livro ilustrado: há uma discussão de alguns anos sobre autoria no livro ilustrado, com o recente reconhecimento do ilustrador também como autor dessas obras. O ilustrador pode ilustrar um texto de outro escritor ou ilustrar o seu próprio texto, ou ainda produzir um livro-imagem. No primeiro caso é coautor da obra com o escritor e nos dois últimos exemplos é o autor do livro.

começam a experimentar com o livro, explorando seus elementos e materialidade, surgem os livros-objetos, livros de artista e livros-obras. (Feltre, 2017, p.62)

Odilon Moraes, autor, ilustrador e pesquisador do livro ilustrado, fala sobre a característica do livro como suporte:

“Salvo em alguns poucos momentos da literatura ou das artes, a materialidade do livro foi chamada à presença e dada a ela um papel fundamental. Na maioria das vezes, como se sabe, a sua utilização como suporte desprezou a dimensão poética desse objeto.” (Moraes, 2013, p.160)

No universo do livro para a infância podemos observar o oposto: livros ilustrados contemporâneos “apresentam uma maior interdependência entre as partes visuais, táteis e literárias na construção da obra.” (Ibidem, 2013, p.161). A materialidade e o manuseio do livro criam a narrativa também, o objeto não é mais somente um suporte para o texto.

O livro-objeto pode acontecer por vários caminhos. Autores podem experimentar se mantendo no formato do códice, mas atribuindo novos significados aos elementos do objeto livro, como acontece na Trilogia da Margem, da autora sul-coreana Suzy Lee. Os livros-imagem **Onda** (2008), **Espelho** (2010) e **Sombra** (2011) utilizam a dobra central das páginas para a construção da narrativa de dois universos em contraposição. (Ibidem, 2013, p.163)

Há também experiências mais radicais na quebra do objeto somente como suporte. Livros com materiais inusitados e papéis diversos, recortes e facas especiais, outros tipos de encadernações, entre outros experimentos. Acredito que os estudos e livros deste TCC podem ser enquadrados como livros-objeto.

Bruno Munari, designer italiano que acreditava que design e arte deveriam se fundir (Feltre, 2017), produziu livros para crianças pensando na experiência visual e tátil do leitor. Munari tinha o ideal de contribuir para a introdução do livro e do hábito da leitura em

crianças pequenas, por meio de objetos que fossem surpreendentes e instigantes, como os **Pré-livros**, um conjunto de livrinhos feitos de materiais diversos, encadernações, papéis e cores, com pequenas histórias narradas visualmente e somente o título “Livro”.

Um outro exemplo da produção de Munari é o **Livro Ilegível**, feito somente com folhas coloridas e recortes, pensando na sobreposição conforme as páginas são viradas. Munari diz sobre essa pesquisa:

“O objetivo dessa experimentação foi verificar se é possível utilizar como linguagem visual o material com que se faz um livro (excluindo o texto). O problema, portanto, é: o livro como objeto, independentemente das palavras impressas, pode comunicar alguma coisa, em termos visuais e táteis? O quê?”
(Munari, 2015, p. 211)

Voltando ao livro **Gesto Inacabado**, já em uma primeira leitura, num momento anterior a este relato, percebi pontos de encontro com o que venho fazendo e pensando. Acredito que seja possível entender questões que surgiram e ainda surgem no caminho destes estudos pela ótica do livro.

Um das destas questões é como a “criação realiza-se na tensão entre limite e liberdade”. (Salles, 1998, p.63)

“Limites internos ou externos à obra oferecem resistência à liberdade do artista. No entanto, essas limitações revelam-se, muitas vezes, como propulsoras da criação. O artista é incitado a vencer os limites impostos por ele mesmo (...)”
(Ibidem, 1998, p.64)

Fui criando algumas regras e limites durante o processo de criação dos livrinhos. A primeira regra foi o formato do papel: todos os estudos foram feitos em papel de tamanho A4, utilizando a mesma dobra para serem transformados em um livro. Se em um primeiro momento isso

aconteceu por acaso, por ser o material que eu tinha disponível na mesa, agora posso dizer que se caracteriza como uma escolha para todos os estudos e livros do projeto.

O papel A4 após a dobra fica com 7,5 x 10,5 centímetros, criando um livro pequeno. Gosto da ideia de fazer livrinhos, não só porque cabem em mãos pequenas, mas também pela possibilidade de experimentar desenhos, recortes, colagens em um espaço reduzido. Acho que também existe uma sensação de familiaridade em usar a folha A4, um papel comum, que qualquer pessoa pode transformar em um livro.

Um outro motivo para escolha de um formato único é criar um conjunto. Minha ideia é fazer uma série de livrinhos, usando materiais e técnicas diferentes, por isso acho importante manter um formato único, uma característica que una todas as partes. Seguindo a análise dos estudos em conjunto com as reflexões de **Gesto Inacabado**, quero falar sobre a presença do acaso e do erro como elemento de tensão no processo de criação.

Há alguns anos, para o projeto final de um curso de desenho e gravura, fiz uma série de desenhos de cidades imaginárias. O professor responsável pela disciplina me questionou o que eram as manchas pretas no meio dos desenhos. Eu respondi que eram as partes que eu tinha errado, e para tentar consertar esse erro, pintava aquela parte de preto. Ele me perguntou porque eu considerava que uma linha com uma espessura um pouco mais grossa ou torta era um erro, e se na verdade aqueles chamados erros não estavam imprimindo um ritmo mais complexo ao desenho. A imperfeição, colocada em uma lente de aumento, com os riscos pretos por cima, resultou em situações novas nos desenhos, pontos de equilíbrio na página.

Como elementos do acaso podem influenciar no percurso de uma obra? Um respingo de tinta em um lugar não imaginado, um material que se comporta de maneira inesperada... E também, como não saber fazer algo pode criar situações de desvio? Borrar um desenho, imprimir uma gravura e não atingir o resultado considerado ideal.

No caso dos estudos para os livrinhos, eu dobrei uma folha com um desenho aleatório, seguindo um fluxo de pensamento não muito racional. Cecilia Salles fala sobre a escolha em acolher ou não os desvios trazidos por acasos ou erros.

“São flagrados momentos de evolução fortuita do pensamento daquele artista. A rota é temporariamente mudada, o artista acolhe o acaso e a obra em progresso incorpora os desvios. Depois desse acolhimento não há mais retorno ao estado do processo no instante em que foi interrompido.” (Ibidem, 1998, p.34)

Dobrar este desenho me trouxe coisas inesperadas e estranhas, e acredito que isso possa fazer parte do projeto.

(Durante o processo de criação dos livros e escrita deste relato, me deparei muitas vezes com o hábito de chamar os estudos de livrinhos, por conta do tamanho miúdo das peças, como um apelido. Optei por manter esse apelido no relato.)

2.2 Lápis de cor

Primeiros estudos em papel branco e quadriculado [janeiro 2018]

Após a definição do formato, fiz dois estudos usando lápis de cor. O primeiro, bem simples, com as páginas pintadas inteiras **[imagens 10]**, cada uma com uma cor. Ao fazer este estudo pensei em livros que gosto bastante, feitos somente com cores e formas, sem desenhos de linhas e figurativos. *Spaces* e *Strips* **[imagens 11]**, da editora francesa Éditions du livre, e *Dobras*, de Andrés Sandoval **[imagens 12]**, pela Companhia das Letrinhas.

Me interessou fazer as formas com lápis de cor porque o preenchimento do espaço não é perfeito, as linhas ficam visíveis pelos espaços em branco que sobram no papel. Existe também a diferença de intensidade da cor, dependendo da força com que uso o lápis.

O segundo estudo **[imagens 13]** fiz seguindo a regra do acaso, desenhar primeiro na folha inteira e dobrar o papel depois, vendo o que a dobra inventa para cada página. A faixa de cores entra e sai das páginas, como uma cobrinha. Para este estudo eu criei uma segunda regra: fazer o desenho seguindo uma sequência de cores, que vai se repetindo conforme a faixa vai aumentando.

Estudos em tamanho reduzido [março 2018]

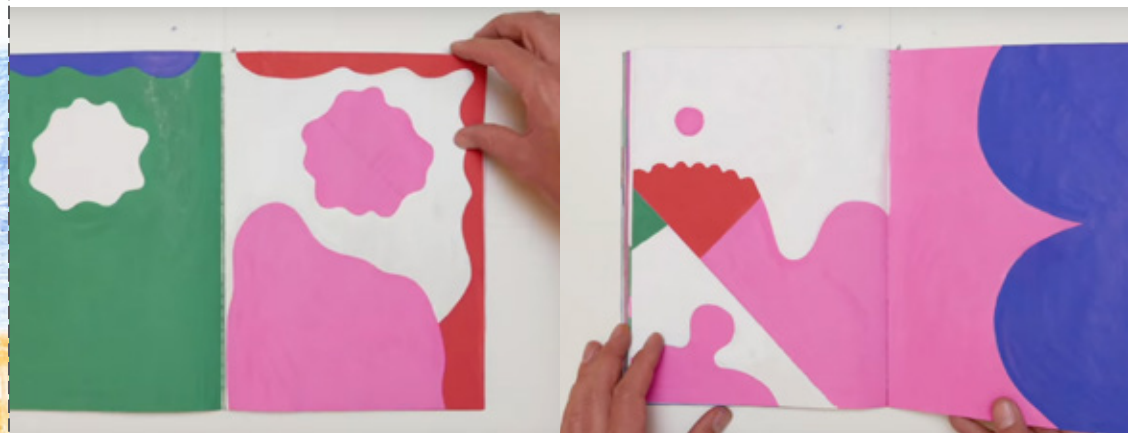
Fiz estes dois estudos **[imagens 14]** em tamanho reduzido pensando em um livro final de lápis de cor. Tentei fazer um desenho com linhas que mudassem de lugar com a dobra que transforma a folha em livro, mas não deu muito certo. Percebi depois de dobrar que as linhas tinham que sofrer mudanças verticais para que isso acontecesse.

[imagens 10]



[imagens 12]

Imagens tiradas a partir de video do site do autor



[imagens 11] Imagens tiradas do site da editora



[imagens 13]



[imagens 14]



2.3 Toalhinhas

Primeiro estudo

[janeiro 2018]

Este foi o primeiro estudo **[imagens 15]** que fiz com recortes dentro do formato escolhido. Cortei a folha laranja com estilete, fazendo figuras geométricas simples. Algumas ideias e questionamentos surgiram:

Em um primeiro momento, eu coloquei a folha laranja sobre uma folha roxa. Como seria a folha de baixo com desenhos? Seguindo um outro raciocínio, a Fernanda, amiga companheira de TCC, me deu a ideia de que essa sobreposição pode ser feita também com duas folhas com recortes, criando um desenho duplo com as formas vazadas diferentes.

Como reproduzir o processo das toalhinhas para os livrinhos? Para fazer as toalhinhas você deve dobrar a folha algumas vezes e recortar, depois temos o resultado com um desenho simétrico. Como dobrar as folhas para recortar se o livro já está montado? Poderia fazer em folhas separadas e depois emendar ou costurar?

Estudos em papel dobradura

[março 2018]

Como estava com dúvidas para fazer as toalhinhas no formato dos livrinhos, comecei estes experimentos **[imagens 16]** em papel dobradura. Este papel já é vendido na papelaria em formato quadrado, com algumas cores básicas em cada pacote. Sempre gostei de trabalhar com papel dobradura por conta da textura meio estranha, ao mesmo tempo lisa e porosa, e pelas cores, sólidas na frente e manchadas no verso.

Testei diversas abordagens ao cortar o papel: dobrar mais e recortar sempre formas geométricas; dobrar menos, recortar formas mais orgânicas ou tentar desenhos figurativos. Talvez uma pessoa com um raciocínio matemático visual mais apurado possa entender melhor o mecanismo das dobras e prever as formas, ter mais controle do desenho que vai ser formado. Eu raramente consigo prever o que vai vir. Isso pode ser bom porque é interessante abrir o papel e ver qual desenho foi formado, ao mesmo tempo não é muito fácil alcançar um resultado planejado previamente.

Estes estudos são também uma continuação do livro feito para a disciplina O Objeto Livro, origem deste projeto **[imagens 17]**. Naquele momento dobrei e recortei o papel dobradura seguindo a brincadeira das Toalhinhas. Juntei as folhas com fita adesiva, formando uma espécie de colcha de retalho.

Estudos no formato do livro

[abril 2018]

Adiei bastante o momento de testar as toalhinhas no formato do livro, por conta das dúvidas já expostas nestes relato, por medo de não conseguir reproduzir a experiência das toalhinhas no papel dobrado e perder o rumo mais ou menos traçado do projeto.

Neste momento fui pra caminhos diversos **[imagens 18]**. Tentei primeiro dobrar e recortar o livro no papel branco, para entender como poderia fazer os recortes com os livros já montados. Abri os livros depois de montados e fui dobrando novamente e recortando página por página, isso cria um recorte diferente para cada página, mas deixa o livro todo marcado com as dobras utilizadas para os recortes individuais.

Em alguns estudos pintei a folha antes, misturando as cores e criando páginas com mais de uma cor. Em outros, pintei depois de dobrar,

criando uma página de cada cor. Usei tinta acrílica, pois estava tentando criar cores mais uniformes, e lápis de cor, testando o efeito inverso.

Outros estudos consistiram em desenhar em livros já recortados, seguindo com o desenho as formas dos recortes ou formando padrões.

2.4

Mimeógrafo

Estudos sobre reprodução
[fevereiro 2018]

Há alguns anos eu vi um mimeógrafo para vender no mercado livre. Como estava estudando gravura e métodos de impressão caseiros, comprei. Ficou anos parado, e até mudou de casa comigo, como mais um objeto sem função para fazer peso na subida das escadas. A primeira vez que usei foi para este estudo.

Eu tinha uma ideia bem vaga de como usar um mimeógrafo, me lembro da professora do prézinho girando a manivela e das folhas saindo por um lado da máquina. Me lembro também do cheiro de álcool. Fui atrás de algum manual para ver o procedimento completo, mas não encontrei. Achei alguns vídeos no youtube e parti deles para começar os experimentos [imagens 19].

Comprei o estêncil, uma espécie de papel carbono usado para criar a matriz de reprodução no mimeógrafo. Desenhei na folha branca sobre o estêncil, criando a matriz. Então você coloca a matriz no cilindro de metal e começa a imprimir. As primeiras folhas saíram bem claras, com o desenho bem falhado. Fui mexendo nas regulagens sem ter muita certeza do que mudaria e colocando mais álcool. O meu mimeógrafo tem dois dispositivos para regulagem: uma alavanca pequena que vai de 1 a 3, e um botão circular que vai de 0 a 5. Com as informações que consegui encontrar no Google, confirmadas pela experiência de impressão, percebi que essa alavanca regula a pressão sobre o papel. Esse botão

circular permanece como um mistério para mim. Testei imprimir com ele em várias posições, mas não consegui perceber sua função.

Comecei a entender o jeito das engrenagens e quantidades de álcool, e as impressões revelaram o roxo característico da infância escolar nos anos 90, da minha infância. Consegui umas poucas cópias com o desenho impresso de maneira uniforme.

O desenho foi ficando mais forte, sempre do mesmo lado da folha, acho que por algum defeito no cilindro, ou no mecanismo de pressão. Aqui novamente, o incerto, criado ou por esta diferença de pressão, ou por erros na quantidade de álcool e no manuseio do aparelho, criaram características próprias e inesperadas para cada cópia. Algumas borradas, outras com repetição de desenho. Passei algumas folhas mais de uma vez, o que criou uma espécie de movimento, causado pelo registro imperfeito na impressão das folhas.

Não transformei estes estudos em livros, com a dobra das páginas, mas acho que poderia ser interessante usar essa característica de reprodução falha em estudos futuros.

2.5

Dobra e espaço interno do livro

Ideia para a série Dentro e Fora
[abril 2018]

No processo de dobrar as folhas e manusear estes livrinhos, fui percebendo, em conjunto com as meninas nos atendimentos do TCC, algumas configurações formadas pelas dobras. Podemos ler o livro página por página, mas também abrir em parte a folha e ler 4 páginas ao mesmo tempo, com o A4 dobrado ao meio, na horizontal. Há também um espaço interno criado quando puxamos as duas páginas feitas pelas extremidades do A4, como um cômodo ou cubo dentro do livro.

Este estudo bem simples [imagens 20] foi feito pensando em utilizar este cômodo interno, quais relações podem ser criadas entre os lados de dentro e fora?

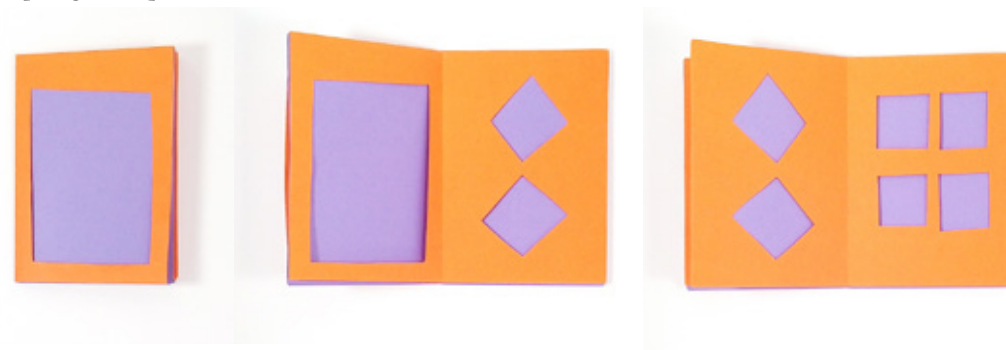
2.6 Planejamento para os livros finais

[maio 2018]

Os caminhos abertos durante a fase de experimentação começam a sedimentar e eu busco as trilhas mais visíveis.

Percebo neste momento uma abordagem diferente no percurso do projeto, os rascunhos [imagens 21] são feitos pensando de maneira mais prática nos objetos finais. Estes estudos são instruções para os livros, feitos com lápis e papel manteiga, sem uma preocupação em encontrar uma linguagem ou experimentar com os recortes.

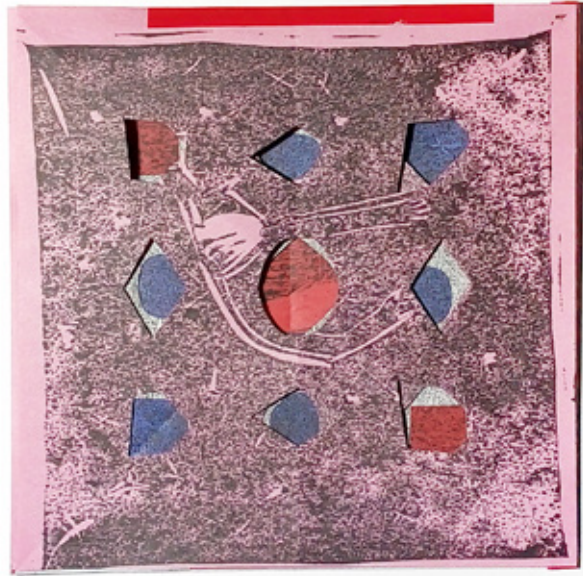
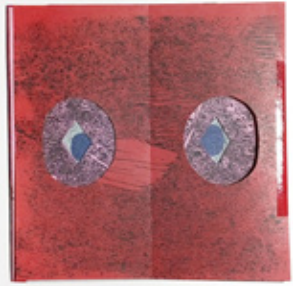
[imagens 15]



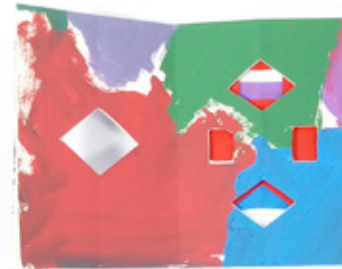
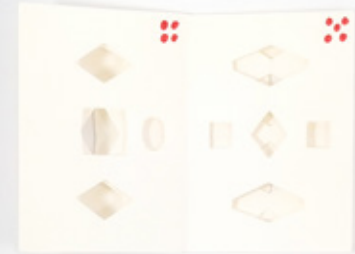
[imagens 16]



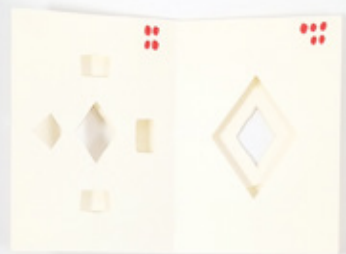
[imagens 17]



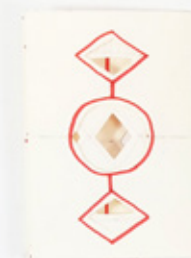
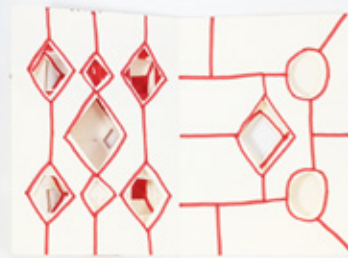
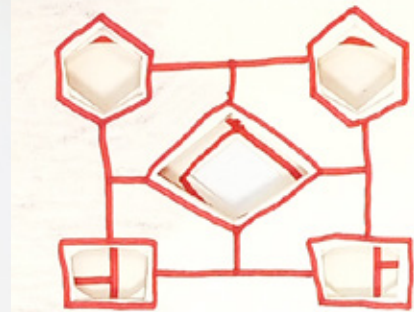
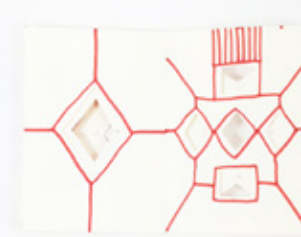
[imagens 18]



[imagens 18]



[imagens 18]



[imagens 18]



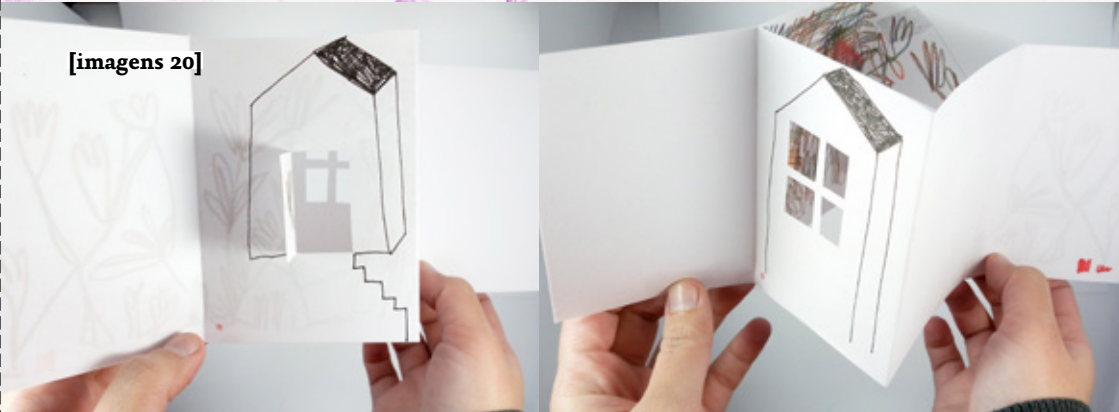
[imagens 19]



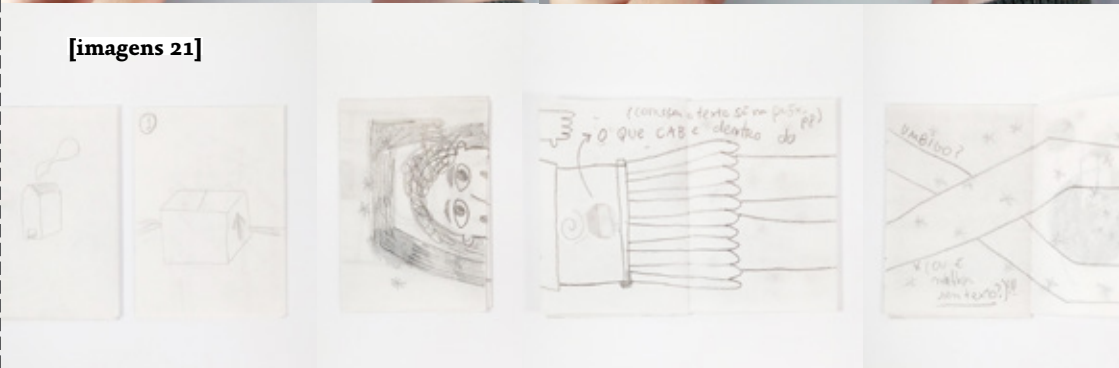
[imagens 18]



[imagens 20]



[imagens 21]



3. **Livrinhos: a dobra como guia para o projeto** Toalhinhas, Dentro e Fora, Labirintos

Presente em grande parte do percurso deste projeto, escolhi a dobra como o elemento condutor dos livros, como ação que une os objetos finais. Além de criar o mecanismo básico para montagem das páginas dos livros, desemboca em 3 séries, cada uma com 3 livrinhos.

Em Toalhinhas **[imagem 22]** o papel é dobrado algumas vezes e recortado em partes menores; Dentro e Fora **[imagem 23]** é feita a partir do cômodo interno criado pela dobra e montagem do papel; Labirintos **[imagem 24]** segue no trajeto dos primeiros estudos, com a dobra criando as páginas do livro depois que o desenho já foi feito na folha inteira.

Para reproduzir os livros em uma pequena tiragem, os originais foram escaneados e impressos, dobrei e recortei nestas impressões.

Os livrinhos podem ser lidos e manuseados de maneiras diversas: um livro para brincar ou montar. Uma colméia com vários livros, uma lanterna que cria sombras conforme a posição do livro, a folha aberta com o desenho completo **[imagens 25]**.

3.1

Toalhinhas

A série Toalhinhas faz referência a ideia de começo deste projeto, foi escolhida pelo afeto e pela experiência do percurso.

As bases dos originais foram feitas com guache e nanquim. Comecei a usar tinta guache porque não estava gostando do resultado com a acrílica, o guache penetra mais no papel e eu gosto mais de como ficam as cores.

Esta série tem o primeiro livro **[imagens 26]** com todas as páginas preenchidas de maneira uniforme, seguindo uma sequência de cores, e recortes menores e mais geométricos, formando uma espécie de caleidoscópio. Reproduz em parte a experiência das toalhinhas em papel dobradura, mas com o preenchimento feito com tinta, assumindo as manchas da pintura.

O segundo livro **[imagens 27]** tem a frente com padrões feitos com guache e o verso com páginas com preenchimento total, os recortes são menos geométricos e maiores, formam figuras estranhas, como bichos inventados.

O terceiro **[imagens 28]** tem a frente em nanquim, com padrões e traços seguindo os cortes, e o verso com páginas inteiras preenchidas pelo guache colorido. Esses padrões criam expectativas diversas: em uma página tenta reproduzir um padrão geométrico, mais pra frente lembra o bordado de uma toalha, em outro momento assume uma composição mais caótica. Este livrinho se baseia quase que completamente em um dos estudos anteriores, feito em abril.

3.2

Dentro e Fora

Dentro e Fora foi feita na relação entre a frente e o verso da páginas. O que existe neste cômodo especial dentro do livro? A menina tem

um caranguejo dentro do umbigo **[imagens 29]**, uma cidade abriga um jardim com pernas **[imagens 30]** e os gatos moram dentro das caixas **[imagens 31]**. O mundo de fora é preto e branco e o de dentro é colorido, nanquim e lápis de cor.

Esta série foi a que mais se distanciou dos estudos iniciais, pensando em planejamento de cortes e desenhos. Os recortes foram feitos para se encaixar no livro com as páginas em posição normal e com o espaço aberto no meio. Em alguns momentos isso funcionou bem, como no caso do rabo do gato; em outros menos, no livrinho da menina o umbigo não encontra algo muito surpreendente com as páginas em posição normal, somente a cor verde do mar (com ele aberto a vista do umbigo dá para o caranguejo).

3.3

Labirintos

Labirintos remete aos primeiros estudos do projeto, um desenho completo vira um livro pela ação da dobra do papel. Durante o percurso deste TCC eu fiz muitos desenhos livres, pensando em preencher a página. Estes desenhos acabam virando labirintos de objetos menores, caminhos, partes rabiscadas.

Aproveitando a ideia de labirinto e caminho fiz 3 desenhos para serem transformados nos livrinhos: uma menina com pernas e braços que se entrelaçam **[imagens 32]**, um labirinto de fato **[imagens 33]**, e o último sem um tema definido **[imagens 34]**, mas pensando nos elementos dos outros livros do projeto, reaproveitando coisas como num sonho.

Estes desenhos foram feitos sem rascunhos, direto no papel com pincel e nanquim. Após a fase de impressão e dobra, ainda houve uma etapa de criação. Testei recortes em impressões de sobra para criar um elemento de cor nos livros inteiros de nanquim.

[imagem 22]



[imagem 23]



[imagem 24]



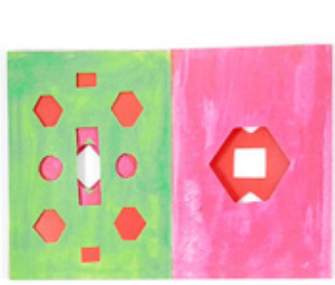
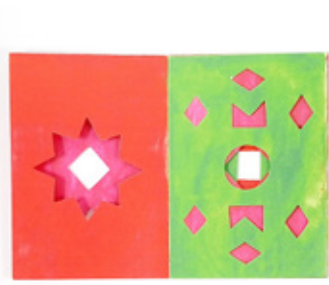
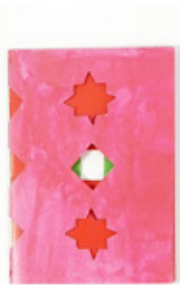
[imagens 27]



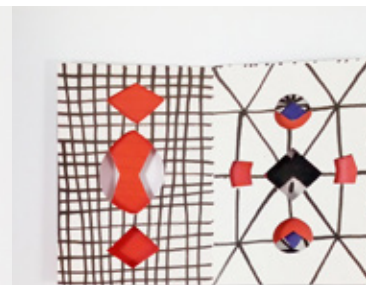
[imagens 25]



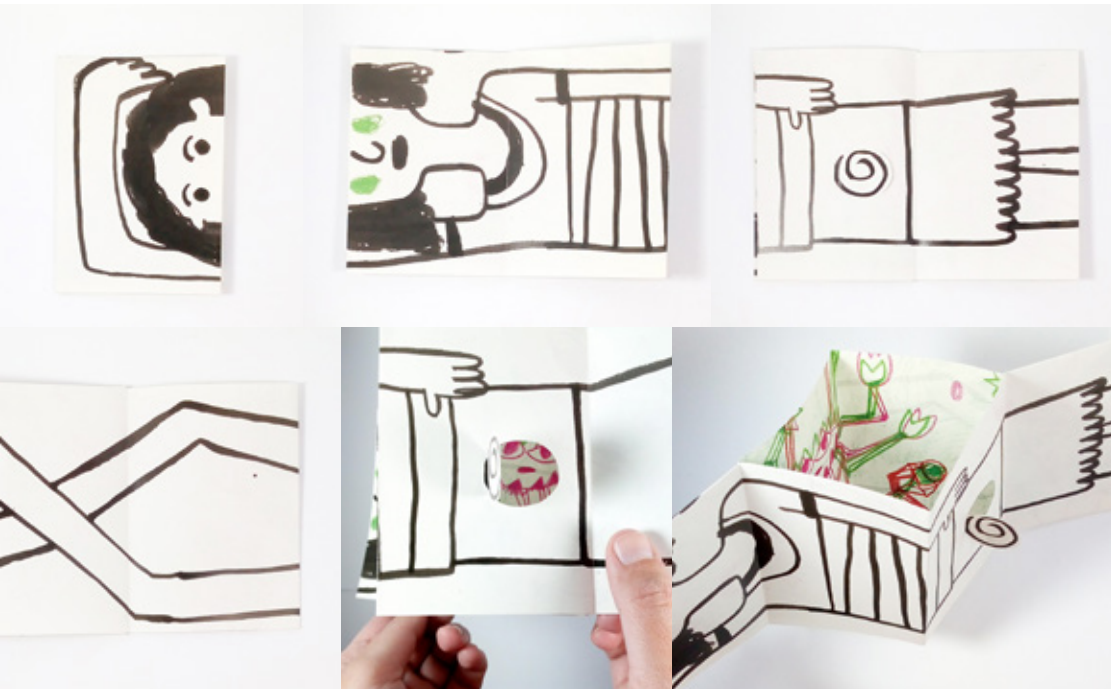
[imagens 26]



[imagens 28]



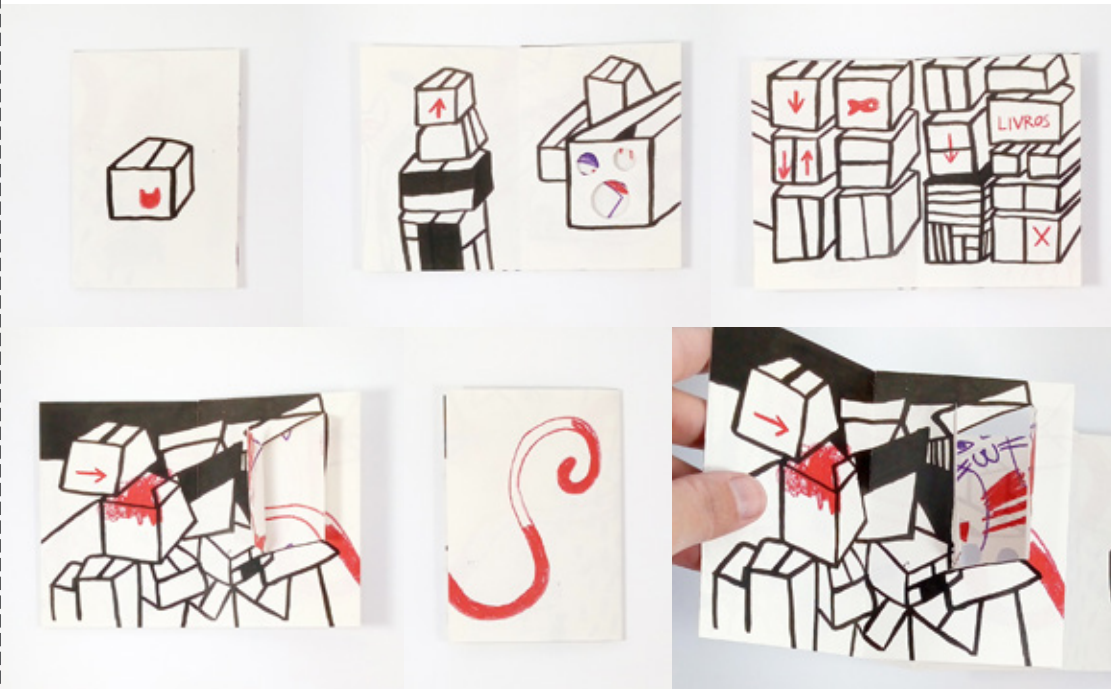
[imagens 29]



[imagens 30]



[imagens 31]



[imagens 32]



[imagens 33]



[imagens 34]



4. Considerações finais

Gostei muito de fazer estes livrinhos, o momento dos estudos e pesquisa [imagens 35] foi cansativo e divertido, e ver agora os objetos finais me deixa bastante feliz.

Pensando na relação entre a pesquisa inicial e os livros finais, vejo um afunilamento natural de uma etapa para a outra: os estudos foram por caminhos diversos e, no final das contas, eu não consegui seguir por todos eles. E mesmo assim, escolhi fazer 9 livros finais, ainda fragmentando o projeto. Mesmo me perguntando, em um primeiro momento, se eu não deveria ter seguido desde do começo em um único sentido e me aprofundado mais nele, acredito que o resultado final, um conjunto de livros, seja uma das essências deste estudo, o mesmo objeto de pesquisa (a dobra) criando os livros por procedimentos diferentes.

Outro aspecto importante deste projeto foi o processo de atendimento feito em dupla com a Fernanda, e orientação da Camila, companheiras de TCC. Nós fizemos projetos semelhantes, assim optamos, nós três, por fazer essa orientação em conjunto. Acredito que fazer este atendimento em grupo mudou a dinâmica do trabalho, tirando um

pouco do peso do processo. É importante ter um grupo que pensa junto com você as mesmas questões. Neste sentido, a turma toda da Pós O Livro para a Infância também faz parte deste percurso.

O que mais gosto nos livrinhos finais é que eles refletem todo o processo de pesquisa com o desenho, recorte e dobra. E também que refletem de alguma maneira a brincadeira das Toalhinhas, e para mim, a minha infância. O que eu espero é que eles também possam se transformar em brinquedo para outras pessoas, crianças e adultos.

[imagens 35]



5. Bibliografia

Obras consultadas

FELTRE, Camila. **É um livro...? Mediações e leituras possíveis.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil in: DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas.** São Paulo: Editora Senac, 2013.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: FAPESP, Annablume, 1998.

Websites

Sobre o livro Strips, disponível em <https://www.editionsdulivre.com/en/book/strips/>
Acesso em junho de 2018.

Sobre o livro Spaces, disponível em <https://www.editionsdulivre.com/en/book/spaces/>
Acesso em junho de 2018.

Sobre os Pré-Livros de Bruno Munari, disponível em http://www.corraini.com/en/catalogo/scheda_libro/31/I-prelibri.
Acesso em junho de 2018.

Entrevista com Lúcia Hiratsuka, disponível em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,com-chao-de-peixes-lucia-hiratsuka-volta-a-infancia-esse-tempo-de-espanto-e-brincadeira,70002189666>
Acesso em junho de 2018.

Livros folheados

LEE, Suzy. **Onda**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. **Espelho**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. **Sombra**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração Fernanda Correia Dias. São Paulo: Governo Franco Montoro, Secretaria da Educação – Fundação para o Livro Escolar (FLE), 1987.

MUNARI, Bruno. **Libro illeggibile MN1**. Mantova: Corraini, 2011.

SANDOVAL, Andrés. **Dobras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

